

Série: Antonio Candido e os Estudos de Literaturas

Africanas de Língua Portuguesa

II – Vima Lia Martin

Anita Martins Rodrigues de Moraes¹ – Em sua opinião, que contribuição a obra de Antonio Candido tem dado aos Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa?

Vima Lia Martin – Penso que a área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, tal como se constituiu na USP, é bastante tributária das reflexões desenvolvidas por Antonio Candido. O pensamento de Candido está muito presente, desde os primeiros trabalhos desenvolvidos nessa área de investigação, inclusive por colegas e alunos seus. Lembro, por exemplo, das reflexões desenvolvidas pelos professores Maria Aparecida Santilli, Benjamin Abdala Jr., Tania Macêdo e Rita Chaves.

AMRM – Haveria, nesse sentido, noções e conceitos formulados por Candido para a compreensão da literatura brasileira que, em sua perspectiva, se mostram funcionais para o estudo de outras literaturas de língua portuguesa?

Vima Lia Martin - Certamente. Às vezes até brinco com meus alunos dizendo que a perspectiva a partir da qual focalizamos as literaturas de língua portuguesa está marcada por um “vício de formação”, porque a gente se empenha em reconhecer os processos de formação/ acumulação e modernização que estão em curso nessas literaturas. Ou seja, há um modo de apreensão da literatura que está

¹ Doutora em Teoria da Literatura pela UNICAMP. Autora da obra *O inconsciente teórico: investigando estratégias interpretativas de Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

marcado pelas ideias do Candido. Estudar as literaturas africanas desde uma perspectiva histórico-sociológica, dando destaque para a vida nacional, para a ideia de processo, com rupturas em relação a uma suposta literatura matriz, é uma forma de pensar devedora das contribuições de Candido. E então é preciso ter cuidado, pois vejo que há uma reflexão mais contemporânea que vai questionar, penso que de maneira equivocada, a teoria do Candido, especialmente a partir da noção de cânone.

AMRM - Um cânone da literatura brasileira?

Vima Lia Martin - Sim. Acho que precisamos nos manter alertas a algumas questões importantes. Por exemplo, eu falava do problema de se pensar numa literatura matriz. Em alguns textos, ou passagens, Antonio Candido por vezes utiliza o termo “literatura universal”, referindo-se a um suposto “universalismo” na literatura. Esse é um termo complicado. É bastante compreensível o que o Candido pretendia dizer, qual o sentido do termo em seu pensamento, mas hoje, a partir da contribuição crítica da antropologia, da sociologia, não me parece fazer mais sentido falar em universalismo. É preferível falar em escritores de países periféricos que visam um público mais amplo, por exemplo. Ou ainda em padrões eurocêntricos. Agora falar em literatura universal... Porque a gente sabe que universal é europeu...

AMRM - Porque existia um padrão do que seria universal...

Vima Lia Martin - Sim, do que *deveria* ser universal... Essa, de certa forma, é uma ressalva que deve ser feita, especialmente no que se refere ao estudo das literaturas africanas. É preciso atentar para certas chaves de leitura, como universal/local, geral/particular, modernidade/tradição, evitando contrapor as literaturas africanas a uma suposta literatura universal... Esse é um cuidado importante. Nesse sentido, é preciso levantar ainda uma questão. Acredito que há, atualmente, certa tendência de se ler a contribuição de Antonio Candido de maneira pouco generosa, perversa até. Acredito que uma leitura

crítica não deva servir para depreciar sua obra. Assim, simplesmente responsabilizar o Antonio Candido de ser responsável pela formação de um cânone de Estado, como se ele fosse responsável pela ordem das coisas... é muito redutor. Não sei, acho pouco produtivas afirmações desse tipo...

AMRM - E quanto a leituras críticas de bom nível, que evitam este empobrecimento, haveria algum nome ou trabalho a citar?

Vima Lia Martin - Olha, há um texto do João Cezar de Castro Rocha, “Dialética da marginalidade”, que dialoga com “Dialética da malandragem”, do Candido. Este texto foi publicado inicialmente no *Mais! (Folha de São Paulo)*, tendo a versão completa na base de dados *SciELO*. Chamo a atenção para ele porque me interessa de maneira especial. Trabalho com a questão da representação da marginalidade social nas literaturas de língua portuguesa. Em meu doutorado, trabalhei com a noção de dialética da malandragem formulada por Candido, estudando Luandino Vieira e João Antonio². Considerei a tensão entre norma e conduta para pensar a composição e a trajetória de personagens criadas pelos dois autores. Essa tensão, geradora de movimentos específicos, parece-me fundamental e, de certo modo, está na base de vários estudos críticos produzidos por Candido. As ideias de tensão, movimento, contradição, contestação são decisivas em seu pensamento. Nesse sentido, é preciso ressaltar que sua leitura do romance de Manuel Antonio de Almeida aponta para uma acomodação social que deve ser entendida como um modo de funcionamento e não como regra permanente para a sociedade brasileira. Roberto Schwarz tratou disso muito bem. Em João Antonio, por exemplo, não há acomodação. Tenho ouvido com alguma frequência que o pensamento de Candido não daria conta

²A tese de doutorado de Vima Lia Martin foi publicada com o título *Literatura e marginalidade: um estudo sobre João Antonio e Luandino Vieira* (São Paulo: Alameda/FAPESP, 2008).

da literatura e da sociedade contemporâneas, porque hoje não há mais lugar para acomodação. Mas Candido estava pensando naquele romance específico... E a tensão, o movimento que Candido percebeu ali como próprios da sociedade brasileira existem ainda...

AMRM - E perceber que não há acomodação em João Antonio aproveita a leitura de Candido para chegar noutra lugar...

Vima Lia Martin – Isso mesmo. Eu tenho lido alguma crítica que se dá pela contraposição raivosa, não pelo desdobramento, continuidade, ramificação. Não tenho oposição de princípio quanto ao pensamento de Candido, com relação à sua maneira de compreender a literatura e sua relação com a sociedade. Muito pelo contrário: o seu pensamento que, inclusive, traz um enfoque comparativo inerente, parece-me bastante valioso.

AMRM - Então o que te incomoda é jogar fora uma contribuição decisiva no pensamento brasileiro, importante para a compreensão da literatura e da sociedade brasileiras... Você percebe a necessidade de aproveitar a obra do Candido, em diálogo com novas abordagens, é isso?

Vima Lia Martin - Sim. Até porque lidamos com materiais literários novos, então precisamos pensar na necessidade de atualização. No entanto, creio que a ideia de processo histórico é fundamental reter. Vejo que outros repertórios teóricos por vezes incorrem em superficialidade de análise por perderem essa noção de processo.

AMRM – E a perspectiva do processo tem a ver com a relação entre literatura e sociedade, com como a literatura está inscrita num processo histórico. Nesse sentido, o que você parece sugerir é que Brasil e Angola teriam algumas configurações históricas e

sociais que poderiam ser aproximadas, que trariam alguns problemas semelhantes a seus escritores.

Vima Lia Martin - Exatamente, que não seriam iguais, mas que se aproximariam em certos aspectos, a partir de experiências relativamente partilhadas. Mas é importante trabalhar na chave das diferenças também.

AMRM – Você falou do diálogo da professora Rita Chaves e da professora Tania Macêdo com a obra de Candido, e mencionou o professor Benjamin Abdala Jr. como seu orientador. Gostaria que você falasse um pouco sobre como você vê o diálogo deste pesquisador com a obra de Antonio Candido.

Vima Lia Martin - Quando Benjamin Abdala Jr. propõe a noção de macrossistema literário, estabelece um diálogo explícito com a noção de sistema literário do Candido, transformando-a e ampliando-a. É um gesto arrojado. Afinal, como pensar um sistema que articula literaturas como a portuguesa e a guineense, por exemplo, com processos históricos tão distintos? Aí a própria noção de sistema, como formulada por Candido na *Formação*, tão ligada à ideia de nação, fica bastante alterada. Mas é necessário compreender a proposição do Benjamin no conjunto de suas reflexões. Trata-se de colocar em diálogo as oito literaturas escritas em português, por conta de histórias e de línguas literárias que podem ser aproximadas de modo muito peculiar. Eu vejo esse recorte como bastante produtivo, interessante. Há um conjunto de questões comuns que esse recorte favorece pensar. E a opção pelo comparatismo pode levar a percepções bastante esclarecedoras.

AMRM – Haveria uma reelaboração da noção de sistema, pensando num conjunto articulado de obras não por conta de um nacionalismo comum, mas de um engajamento.

Vima Lia Martin - Sim, acho que sim. Trata-se sobretudo de uma estratégia política.

AMRM – Quais textos de Antonio Candido você considera importantes, produtivos para o estudo das literaturas de língua portuguesa de maneira geral?

Vima Lia Martin – Acredito que “Literatura e subdesenvolvimento”, publicado em *Educação pela noite e outros ensaios*, é fundamental. Creio que este texto traz elementos importantes para pensarmos as diversas literaturas de língua portuguesa, sendo que a abordagem comparativa está nele muito presente. Candido trata da América Latina, sugere problemas comuns às sociedades de extração colonial e assim levanta questões proveitosas para pensarmos as literaturas africanas também. Outro texto é “Crítica e sociologia”, primeiro ensaio de *Literatura e sociedade*, porque nesse texto Candido trata da questão da redução estrutural, da interiorização no literário de alguns aspectos que estruturam a sociedade. Ou seja, como aspectos sociais, externos, são formalizados esteticamente e tornam-se literários, internos à obra. Trata-se de definir a especificidade da crítica literária sociológica, que não é o mesmo que sociologia da literatura. Acho importante porque Candido não abre mão do literário, dimensão que é fácil a gente perder quando se vale de contribuições das ciências sociais e da história, por exemplo. Parte da crítica literária contemporânea tem negligenciado o próprio texto literário, mas é preciso lembrar que não somos sociólogos, antropólogos, historiadores, e temos a nossa especificidade. Portanto, qual a nossa contribuição? Creio que o foco primordial seja o texto literário e que o diálogo que travamos com outras áreas do conhecimento vise justamente à sua melhor compreensão. Ainda que, de outro lado, o texto literário seja uma forma importantíssima de compreensão do mundo e nos ajude a refletir sobre ele também. Mas voltando aos textos de Candido, sugeriria também “O direito à literatura”. Este ensaio me parece muito inspirado em Mário de Andrade, fala do intercâmbio possível entre a literatura chamada popular e a chamada erudita, sublinhando o direito que todos têm de ter acesso às diversas formas de cultura. Um amplo gesto democrático subjaz a esse texto...